

A BIBLIOTECA DE BABEL E O JARDIM DOS CAMINHOS QUE SE BIFURCAM: UMA EXPLICAÇÃO PARA A INFINITUDE DA EXISTÊNCIA

DEBORAH VIEIRA¹; INGRID ISLABÃO²; ALINE COELHO³

¹Universidade Federal de Pelotas – ddeborahvieira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ingridislabão@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar dois contos: *A Biblioteca de Babel* e *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, ambos do livro *Ficções*, de 1944, do argentino Jorge Luis Borges. Vistos a partir da perspectiva de que Borges propõe não apenas narrativas, mas conceitos sobre leitura, escritura e uma teoria da narrativa em seus textos ficcionais, os contos destacados tratam da existência humana, suas criações, ambições, escolhas e sua infinita profundidade. Coisas que são tão claras nas palavras de Piglia sobre Borges e as marcas das experiências vividas pelo escritor em sua escrita.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é crítico-analítica, e busca articular nos contos as camadas de cada um deles. Algo que Piglia declara no capítulo *Teses sobre o conto*, (PIGLIA. R, 2004) da primeira e segunda camada dos contos. Aquilo que está explícito, a história visível, e aquilo que o narrador deixa como rastros, a história cifrada, a ser revelado em direção ao final do conto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Biblioteca de Babel, em uma clara referência ao mito judaico da Torre de Babel (Gênesis 11: 1-9) e o surgimento das inúmeras línguas e culturas, se mostra como uma metáfora para o universo, como explicita o narrador na primeira frase do conto: “O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercado por balaustradas baixíssimas.” Ou seja, como o universo, a Biblioteca é infinita. Como no decorrer do texto o narrador não volta a nominá-la como universo, deixamos de pensá-lo universo e passamos a pensá-la unicamente como biblioteca – não no sentido de estrutura física, mas apenas no plano das ideias. Como? Contando uma história. Não no sentido cronológico, com claros início, meio e fim (tal qual o universo), mas narrando a existência do mundo, sua essência infinita, pensamentos, ambições – que também são, ou já foram compartilhadas pelo narrador – e sugere que cada livro da Biblioteca também possa ser compreendido como um ser, um escritor, ou uma cultura.

Não existem dois livros iguais dentro da Biblioteca. Pelo menos uma vírgula o diferencia de outro. Sendo assim, é possível relacionar o argumento da narrativa de Borges, com a Teoria do Discurso de Bakhtin – curiosamente, publicado na mesma época que o *Ficções* de Borges. Segundo Bakhtin, cada discurso é único

e não-repetível, tal qual os livros da Biblioteca de Babel, e que atrás de cada discurso, existem infinitas vozes, seja da bagagem de vida, conjunto de valores, de discursos ideológicos, religiosos etc, que o tecem e os sustenta, formando em cada ser, ou livro, uma teia infinita de interdiscursividades e intertextualidades. Cada um só é o que é porque leu o que leu, conheceu quem conheceu e porque teve as experiências que teve, ou seja, ninguém no mundo pode ter as percepções exatamente iguais a outro, porque cada ente é único e não há possibilidade de alguém ter a mesma bagagem que outrem.

Os enunciados não são indiferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes dentro de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKTIN, 2003: 296)

Quando se descobre que a Biblioteca abarca todos os livros, o que os bibliotecários sentem é uma imensa felicidade, e a partir daí inicia-se uma busca pelo Livro dos livros – aquele que teria sido o primeiro, do qual provem todos os outros, e que representa a verdade na sua mais pura forma. Este livro também pode ser visto como Deus, de quem provem todas as coisas e que guarda consigo as chaves da existencia. Assim como no mundo que vivemos, a Verdade é inalcançável, ao menos no sentido físico. A partir disso, se desdobram as buscas, as inquisições, as batalhas teóricas e teológicas por decidir quem é o detentor da Verdade e suas fogueiras, como já vimos tantas vezes em nossa História.

Enquanto os livros representam todas as pessoas, os bibliotecários representam apenas as pessoas vivas no agora, que, como seres humanos, nascem, crescem, morrem e tem necessidades fisiológicas. Assim como nós, os bibliotecários espendem a vida em busca de um ideal, ou da confirmação deste. Ao procurar o Livro dos livros, se procura a verdade e, por conseguinte, a Deus.

Já em *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, vemos algumas camadas de narrativas. Na primeira, em meio a Primeira Guerra Mundial vemos a luta pela sobrevivência de um espião chinês NOME DELE AQUI, que trabalha para a Alemanha, e sua fuga como alvo de outro espião, NOME DELE AQUI, que está a serviço da coroa britânica. A partir daí, abre-se para outra camada, que se trata de seu encontro com o livro e labirinto de seu antepassado, Ts'sui Pen CONFIRMAR NOME AQUI, que é quando nos é apresentado o Jardim dos caminhos que se bifurcam.

Era sabido que Ts-sui Pen havia se proposto a criar um livro e um labirinto no qual se perderiam todos os homens e do qual ninguém sabia. O que anos mais tarde seria compreendido por Stephen Albert, o guardador da obra de Ts'sui Pen, é que o labirinto e o livro eram a mesma coisa: o jardim e suas veredas são metáforas para a vida e suas escolhas. Não se trata de um labirinto terreno, mas sim de um labirinto que se sobrepõe à existência, ou seja, que vai sendo construído com e pelo tempo. Cada vez que uma decisão pode ser tomada, o universo se parte em dois (ou mais) e cada possibilidade segue

independentemente seus rumos, mas um indivíduo somente vem a conhecer os frutos de uma das possibilidades (algo que só foi ser discutido pela ciência anos mais tarde, através da teoria da mecânica quântica de Hugh Everett em *Formulação da mecânica quântica por meio de estados relativos*, em 1957) É um labirinto do qual ninguém pode sair, nem através da morte. Não é apenas do caminho que decidimos tomar que o conto fala, mas das realidades paralelas e das outras versões do eu que são formadas através da nova bagagem que se cria em um personagem ou indivíduo – como bem apontaria Bakhtin.

Em uma passagem do conto, NOME AQUI e Stephen Albert falam sobre o livro e em como as pessoas não compreendiam como em um capítulo o herói morre e no próximo ele está vivo como se nada tivesse acontecido e Albert explica que o livro retrata todas as possibilidades da história do herói: “Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma e elimina as outras; na do quase inextricável Ts’sui Pen, opta – simultaneamente – por todas.” Optando por todas, Ts’sui Pen necessita expor todas, de modo que, em uma versão o herói está morto, em outra vivo, assim como naquela versão o narrador é amigo de Albert, em outra são inimigos, em outra um mata o outro, em outra os dois morrem, em outra os dois vivem e assim infinitamente, de forma que cada mínimo acontecimento é crucial para toda a resolução - e é assim que Ts’sui Pen demonstra na prática como funciona seu labirinto.

4. CONCLUSÕES

Assim como notou Piglia, é claro notar a riqueza e complexidade dos escritos de Borges através das camadas narrativas que ele apresenta. Mas podemos ir além, marcando que essas camadas de leitura podem ser tão infinitas como a Biblioteca de Babel.

Podemos dizer, afinal, que assim como para Borges, qualquer opção por um discurso que trate estes dois contos tem implicações infinitas – talvez encarar essa possibilidade seja a maior inovação obtida neste trabalho. Sabendo disso, será apontada uma das opções: por mais que os contos sejam distintos, podemos notar que eles se tocam - ao apontar uma moça lendo os Anais de Tácito no metrô em *O jardim das veredas que se bifurcam*, e apontando para os livros perdidos de Tácito em *A Biblioteca de Babel*, o autor sugere a universalidade da História, o bater de asas da borboleta, em que qualquer escolha afeta toda a História do mundo o tempo todo. Aprofundando, ao passo que é criado um labirinto de possibilidades (e realidades) infinitas - é criado uma Biblioteca infinita, ou eterna. Tratando cada momento, ação, pessoa, discurso ou livro ao mesmo tempo que interligados em suas teias de intertextualidades e polifonia, não são todos como uma coisa só, mas únicos, profundos e infinitos em si mesmos e em seus ecos ao longo de toda a existência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PIGLIA, R. **Formas Breves**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

UFSC. **O escritor enquanto crítico**. Travessia, revista de literatura número 33, Ilha de Santa Catarina, ago-dez. 1996.